

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

Sociedade Civil

Nº 2: Clubes sociais tradicionais/Mali: O “Grin”

Reportagem: Yaya Konaté

Redacção: Sandrine Blanchard

Tradução: Madalena Sampaio

1 Voz-Off Feminina (Texto de reportagem + Outro): Marta Barroso

2 Vozes (Intro + Diálogo):

- Nádia Issufo

- Daniel Machava

4 Vozes para voice-overs:

- **Adama Sidibe:** homem com cerca de 30 anos – Márcio Pessôa

- **Boubacar Kassogué:** homem, entre 40 e 50 anos – Carlos Martins

- **Aminatou Yattara:** mulher com cerca de 30 anos – Débora Miranda

- **Moussa Kouyaté** homem com 30-40 anos – António Rocha

Opener LbE

Intro:

Nádia (animada):

Olá a todos! É bom estar de novo na vossa companhia!

Daniel (animado):

Bem-vindos ao “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” e à série sobre participação política!

Nádia (animada):

Hoje vamos até ao Mali, não é?

Daniel:

É. Hoje vamos ver os "grins" [grê].

Nádia (intrigada):

Grins??? O que é isso?

Daniel (orgulhoso):

Até que enfim que te posso explicar alguma coisa, para variar! Os grins são uma espécie de clubes, reuniões sociais informais, típicos do Mali...

Nádia:

Estou a entender! Jovens que se encontram regularmente...

Daniel:

... sim, mais ou menos jovens. Passam o tempo uns com os outros, conversam... Mas ouve a reportagem e vais ver que até vais ter vontade de formar um grin!

Nádia:

Está bem, então ouvidos bem abertos...

Daniel:

... porque estamos de partida para Bamako!

Nádia:

Então... vamos lá!

Música: Baka Beyond, Bwamba, 4083639000

Primeira Parte: Reportagem

Atmo: Ruído de rua – motas a passar
(SFX: Street noise – motorbikes passing)

Marta:

Uma tarde em Magnabougou, um bairro de Bamako.

Alguns jovens estão reunidos à volta de uma mesa, à sombra, em frente a uma loja. Jogam às cartas, conversam, bebem chá. Eles formam o que, no Mali, se chama um “grin”. Adama Sidibé é um dos frequentadores assíduos. Formado em Direito, faz parte do grupo desde que se mudou para esta parte da cidade, em 2002:

O-Ton Adama Sidibé (Francês):

“Optámos por estabelecer o nosso grin na rua para que toda a gente pudesse ter acesso a ele. A loja é o centro e é aqui que todos podemos resolver os nossos assuntos ou problemas. Portanto, o dono da loja é, em parte, o coração do grin.”

Marta:

Esse comerciante é Boubacar Kassogué, que aqui chegou com a sua mulher há cerca de dez anos. Afável por natureza, travou rapidamente conhecimento com os novos vizinhos. Boubacar trabalha e vive na loja. A sua presença constante tornou-o numa figura incontornável do bairro e foi por isso que se tornou naturalmente no anfitrião do grin. Os frequentadores habituais encontram-se todos os dias à frente da sua loja, como ele mesmo explica:

O-Ton Boubacar Kassogué (Bambara):

“Nós damo-nos bem, apesar de não sermos do mesmo grupo étnico. Eu sou o único Dogon do grupo, os outros são Bambaras ou Malinkés. Mas criámos laços fortes. Se eles não vêm cá, não se sentem bem e se eu não os vejo, quase fico doente.”

Marta:

Mas a comunidade não é tão homogénea como parece. Além das diferenças étnicas, os membros do grupo não são todos da mesma geração. Eles têm entre 20 e 40 anos. No entanto, a diferença de idades não os impede de ter uma relação igualitária no grin. Aprenderam a conhecer-se, a respeitar-se e ficaram muito ligados uns aos outros. Adama Sidibé explica como o grin é importante:

O-Ton Adama Sidibé (Francês):

“Consoante a disponibilidade das pessoas, encontramos-nos e jogamos às cartas, bebemos chá, falamos de tudo e de nada e agora estamos unidos por um laço social muito forte. Quando há cerimónias como baptizados, casamentos ou funerais, fazemos tudo juntos. O grin é como uma família. Posso partilhar tudo com os meus amigos daqui, coisas que nem sempre partilho com a minha família. Aqui falamos de tudo.”

Marta:

No início, os grins não eram mistos. A maioria era reservada a rapazes da mesma idade, que tinham passado pelos mesmos ritos de iniciação tradicionais. São ritos de passagem da adolescência para a idade adulta, por exemplo, ou circuncisão...

Desde os anos sessenta, os grins das cidades têm estado abertos a ambos os sexos, dando assim aos jovens a possibilidade de se encontrarem num ambiente informal para conversar, ouvir música ou jogar às cartas.

Atmo: Cartas com Aminatou
(SFX: Cards with Aminatou)

Marta:

Aminatou Yattara frequenta o grin de Boubacar há anos. Ela diz que prefere de longe a companhia dos homens à das suas irmãs:

O-Ton Aminatou (Francês):

“Conversamos com os rapazes, falamos das coisas do dia-a-dia e, sinceramente, aprendemos muito mais com os homens do que com as mulheres.”

Atmo: Jogo de cartas

(SFX: Card game)

Marta:

As cartas, e especialmente o jogo "belote", são muito importantes para os frequentadores do grin. Não há nada melhor que um jogo depois do trabalho, diz Adama Sidibé:

O-Ton Adama Sidibé (Francês):

“O belote é um jogo, no qual o jogador tem a possibilidade de se afirmar. É sempre entusiasmante e as pessoas exprimem a sua personalidade através do jogo. Os membros do grin adoram este jogo, que é um pouco como a espinha dorsal do nosso grupo.”

Marta:

Boubacar Kassogué aprecia especialmente o espírito de entreajuda que reina no seio do grupo. Se alguém precisa de apoio, financeiro por exemplo, essa pessoa sabe que pode contar com os companheiros do grin.

O-Ton Boubacar Kassogué (Bambara):

“Somos mais do que amigos, somos irmãos. Se algum de nós tem um problema, o problema é de todos. É mais do que simples amizade.”

Atmo: Preparando chá

(SFX: Preparing tea)

Marta:

Outro ritual crucial é o chá – a bebida preferida dos malianos.

O-Ton Adama Sidibé (Francês):

“Quando estamos no grin é um reflexo: se não há chá, toda a gente pergunta porquê. É bom para conversar. O chá dá energia e cria ambiente, é um símbolo em todo o Mali. Não apenas aqui. É assim em todas as reuniões de jovens, gostamos de nos reunir à volta do chá.”

Marta:

A atmosfera do grin, as mudanças, os amigos são elementos essenciais na vida quotidiana dos membros. Alguns continuam a frequentar o grin, mesmo que já não morem na área. Moussa Kouyaté, por exemplo, volta todos os fins-de-semana, apesar de viver a doze quilómetros de distância.

O-Ton Moussa Kouyaté (Francês):

“Mudei-me há menos de um ano e quase não tenho amigos no meu novo bairro. Por isso, mantive os meus laços com este grin – sem ele, a minha vida seria vazia.”

Marta:

Adama Sidibé não consegue imaginar a vida sem o grin, esse espaço de calor e liberdade:

O-Ton Adama Sidibé (Francês):

“O que faria eu sem o grin? Não sei. Encontraria outro grupo onde me sentisse bem. É para fugir à solidão e também pelo ambiente. Sempre pensei que viver sozinho não tem piada. O grin é uma coisa sagrada para mim, é algo muito importante na minha vida.”

Música: Baka Beyond, Bwamba, 4083639000

Segunda Parte: Diálogo informativo

Nádia:

Ouvimos que, antigamente, os grins se destinavam a rapazes que tinham passado pelos mesmos ritos de iniciação. Continuo sem perceber o que isso significa exactamente...

Daniel:

Bem, em algumas sociedades, os rapazes têm de passar por certos ritos de passagem à idade adulta, como a circuncisão, por exemplo. E o facto de o terem feito juntos e de terem crescido juntos significa que alguns rapazes partilharam laços fortes. Por isso, naturalmente começaram a encontrar-se nos seus tempos livres.

Nádia:

Como com os colegas da escola?

Daniel:

Exactamente! Os grins são como clubes, podem ter até cerca de cinquenta membros, rapazes e meninas, homens e mulheres.

Nádia:

Fantástico!

Daniel:

Nos anos sessenta, por exemplo, os jovens reuniam-se em Bamako para ouvir música que estava na moda na Europa ou nos Estados Unidos...

Nádia:

... música rock, por exemplo?

Daniel:

Sim, entre outras. Muitas vezes escolhiam os nomes das suas estrelas favoritas como alcunhas. A pobreza e o desemprego fizeram com que os grins se desenvolvessem muito nos anos setenta e oitenta. As pessoas entravam para os grins, não só para se entreterem, mas também para receberem ajuda dos membros.

Nádia:

Na reportagem falou-se de pessoas que se ajudam financeiramente...

Daniel:

Sim, quando alguém precisa de dinheiro para pagar um casamento, por exemplo, ou para financiar um projecto ou os seus estudos, os membros do grin podem juntar-se e emprestar-lhe o dinheiro a uma taxa bem melhor que a de um banco...

Nádia:

...e numa base de confiança. Porque os membros de um grin se conhecem bem! **(curto silêncio hesitante)** Daniel, tenho outra pergunta...

Daniel:

Sim?

Nádia (animada):

Queres jogar “belote” comigo? Como se estivéssemos no nosso próprio grin no Mali?

Daniel (ri-se):

Só nós os dois é um bocado difícil! Mas, se quiseres, podemos fazer um chá!

Música: Baka Beyond, Bwamba, 4083639000

Outro:

Marta:

E assim chegamos ao fim do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”. Obrigada por terem acompanhado este episódio dedicado à sociedade civil e aos grins. Para saber mais, voltar a ouvir esta emissão ou deixar os vossos comentários, basta entrar na nossa página online:

www.dw-world.de/lbe

[w w w ponto d w traço w o r l d ponto d e barra l b e]

Também podem escrever-nos um e-mail para:

afriportug@dw-world.de

Até à próxima, fiquem bem!